

MITO OU PÓS-VERDADE Vamos falar de Brasil?

Edilamara Peixoto de Andrade¹³²

Resumo

Neste artigo, pretendemos compreender o fenômeno da pós-verdade e suas consequências no atual contexto sociocultural, brasileiro, bem como elencar as raízes da pós-verdade em nossa sociedade, como uma série de consequências e ao mesmo tempo produto de um processo histórico que teve início com a chegada dos primeiros portugueses ao Brasil, e culminou com as polêmicas, e porque não dizer inconsistências do modelo administrativo adotado pelo presidente Jair Bolsonaro. Nessa perspectiva, o presente trabalho encontra-se dividido em duas partes, sendo que, na primeira delas, é tratada a questão da pós-verdade à luz do pensamento de Matthew D'Ancona; em um segundo momento, abordaremos a pós-verdade enquanto resultado de um processo histórico que já perdura por muitos séculos.

Palavras-chave: Pós-verdade; verdade; processo histórico; Brasil.

Abstract

In this article, we intend to understand the phenomenon of post-truth and its consequences in the current brazilian sociocultural context, as well as list the roots of post-truth in our society, as a series of consequences and at the same time product of a historical process that started when the first Portuguese landed in Brazil, and culminated in controversies and why not say inconsistencies in the administrative model adopted by Jair Bolsonaro. In this perspective, the present paper is divided into two parts, the first of which deals with the issue of post-truth enlightened by the thought of Matthew D'Ancona; in the second step, we will approach the post-truth as result of a historical process that has lasted for many centuries.

Keywords: post-truth, truth; historical process; Brazil.

“Mentiras sinceras me interessam”
(Cazuza)

Introdução

Falar de pós-verdade no atual contexto socioeconômico global, em meio a uma pandemia, sem precedentes em nossa história recente, é uma tarefa instigante, para dizer o mínimo. Sobretudo no Brasil, país que aparentemente vive uma crise ideológica, paralela à crise sanitária do contexto pandêmico, que demonstra um agravamento a cada dia. No entanto, nosso objetivo neste texto não é falar da pós-verdade e seus efeitos no Brasil de hoje, mas pensar este fenômeno a partir das consequências histórico-político-sociais que um passado de mentiras, ou de meias verdades nos impõe a cada dia.

132 Doutoranda do programa de pós-graduação em filosofia da universidade Federal de Sergipe; E-mail: dila.andrade@live.com

Para início de conversa, gostaria de demarcar os caminhos que trilharemos ao longo desta breve discussão, que apresenta a seguinte estrutura: em um primeiro momento, trataremos da pós-verdade, situando-a no contexto ao qual se desenvolve a presente discussão, a saber a pandemia de COVID 19, que tem imposto uma série de transformações para a sociedade em seus mais diversos setores; em um segundo momento, iremos traçar um paralelo entre a pós-verdade e as interpretações que comumente são desenvolvidas para o processo de formação do povo brasileiro, tomando como pano de fundo o pensamento desenvolvido por Jessé Sousa, na sua obra *A elite do atraso: da escravidão a Bolsonaro*.

Feitas essas considerações acerca da estrutura do nosso texto, mas antes de mergulhar diretamente em seu conteúdo, algumas perguntas nos são fundamentais, embora seja plenamente possível que algumas delas ou não possuam uma resposta ou possuam várias respostas possíveis, são elas: seria a pós-verdade um fenômeno recente, ou podemos perceber seus traços desde que os portugueses atracaram suas naus em Porto Seguro e escreveram a carta do "descobrimento"? Nossa história da colonização brasileira seria simplesmente uma mentira, ou carrega consigo marcas da pós-verdade? E nossas concepções de Justiça, também é possível encontrar os efeitos da pós-verdade nelas? Na tentativa de responder a todas essas questões, ou fazer brotar outras tantas, vamos parar de introduzir o tema e passar a desenvolvê-lo.

Pós-verdade: fenômeno histórico ou novidade midiática

Não foi por acaso que trouxemos o trecho da música *Maior abandonado* de Cazusa, no qual o autor escreve que “mentiras sinceras me interessam”, como epígrafe a este texto. Aqui, na tentativa de traçar uma discussão acerca da pós-verdade, é possível afirmar que a letra de Cazusa vai ao encontro daquilo que queremos discutir, a saber, o interesse que as mentiras, sinceras ou não, despertam em cada indivíduo.

Notemos que a mentira, por si só, não é relevante para o nosso estudo, embora ela seja a base da nossa discussão, não é dela que trataremos puramente, pois o que queremos entender, de verdade, é este interesse genuíno que algumas mentiras são capazes de despertar, fazendo com que os indivíduos não apenas se distanciem da verdade, mas também a desprezem quando for necessário escolher entre a verdade fria dos fatos e a mentira que causa interesse intenso. Seria este interesse, passível de ser equiparado ao fenômeno da pós-verdade, ou seria este, um dos efeitos da pós-verdade?

Para responder a tais questionamentos, recorreremos ao que escreve Matthew D'Ancona, em sua obra *Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de Fake News*, na qual o autor escreve que a pós-verdade não é a mentira, ou seja, ela não pode simplesmente ser confundida com uma mentira ou com os jogos de manipulação, dos quais a nossa história é uma forte testemunha, mas trata-se, sobretudo, da reação das pessoas à mentira. Já que somos mais capazes de superar a mentira ou de estabelecer relações semânticas nas quais a verdade triunfa, passamos a acreditar irrefletidamente nas mentiras que nos contam, e até mesmo defender essa mentira de modo caloroso, sem nem ao menos nos importar com seus fundamentos.

Apenas para ilustrar o que estamos tentando demonstrar aqui, vamos citar a forte polêmica da cloroquina, que tem estampado os nossos jornais nos últimos meses, sobretudo após o presidente norte-americano Donald Trump ter anunciado a descoberta da cura do corona-vírus a partir de uma medicação de baixo custo e que já se encontrava à venda no mercado, a saber, a cloroquina¹³³. Embora houvesse uma pesquisa científica por trás desta afirmação, pouco tempo depois restou comprovado que a tal medicação não era eficaz no tratamento da doença, e que ainda poderia ser potencialmente perigosa para o paciente que dela faz o uso, devido aos seus efeitos colaterais.

No entanto, dada a velocidade como as informações se propagam na atualidade, não demorou muito para que a fala do presidente Donald Trump fosse replicada pelo presidente brasileiro, e como um rastilho de pólvora, provocasse uma enorme corrida às farmácias em busca da tal droga milagrosa que curaria a covid-19 e poria fim à pandemia que tem causado tanto estrago em todo o planeta.

Por essa breve narrativa, podemos perceber o quão grave pode ser o efeito de uma mentira em nossa sociedade, sobretudo em um contexto de incertezas ou de crises, como o atual, no qual todas as certezas são postas em suspenso. Eis aí, a materialização da pós-verdade, que aqui pode ser desenhada como uma aceitação irracional da mentira em detrimento da verdade ou de uma noção de verdade que é amplamente defendida pela ciência, mas que devido às agruras da pandemia acaba por não trazer conforto ou acalento para grande parcela da sociedade que decide acreditar em uma mentira tranquilizadora ou reconfortante.

133 Apesar de já existirem inúmeros estudos acerca da ineficiência da cloroquina para o tratamento da COVID 19, em junho foi publicada uma pesquisa na rede Jovem Pan, uma das principais apoiadoras do presidente Jair Bolsonaro entre os veículos oficiais de imprensa, segundo o qual um em cada cinco brasileiros acreditam na eficácia da referida medicação no combate à pandemia. Esse pode ser considerado um exemplo cabal do poder da pós-verdade no nosso atual contexto sócio-político.

Mas, para compreendermos o que de fato vem a ser a pós-verdade, é importante que compreendamos que ela possui uma causa em uma razão de existir, ou seja, não é por acaso que as pessoas foram levadas a uma onda de negacionismo, como podemos observar agora com a resistência às medidas de isolamento social ou uso de máscara em plena pandemia, bem como nas recentes manifestações antivacina que se espalham mundo a fora, e que acabam colocando em risco todo o trabalho de imunização que fora desenvolvido ao longo do último século.

No entanto, é importante que destaquemos que não devemos simplesmente afirmar que as pessoas que agem sob a influência das mentiras difundidas em um contexto de pós-verdade são pessoas ruins, ou simplesmente desprovidos de inteligência, como comumente ouve-se nos debates políticos construído nos ambientes digitais, nos quais os partidários de uma determinada tendência política acusam aqueles que dela discordam. Mas, é indubitável que essas pessoas foram levadas a tomar tais atitudes após serem envolvidas em um cenário de profundo descrédito nas instituições. Ou seja, em um cenário no qual a política falhou, a igreja falhou, a família tradicional falhou, o poder judiciário falhou, resta à população, buscar abrigo nas narrativas e estórias que, por mais mirabolantes que pareçam, conseguem trazer uma certa paz de espírito para as almas cansadas de não saber em quem confiar.

Vemos, portanto, que a pós-verdade é um fenômeno muito mais sentimental que racional. É uma espécie de refúgio intelectual que pode ser equiparado às histórias que, no passado, eram contadas às crianças no intuito de controlá-las, ou mesmo acalenta-las em um momento de choro. Quem não se lembra da história do velho do saco que levava as crianças desobedientes? Ou quem não ficou muito feliz e ansioso à espera do Papai Noel? Ou ainda, quem nunca se encheu de alegria ao ouvir que os rabiscos que traçamos no papel estavam lindos, quando na verdade eram só riscos de uma criança em seu início do processo de desenvolvimento? Essas pequenas mentiras que ouvimos quando criança, e que muitas vezes contamos às nossas crianças, acalenta a alma infantil e fazem os pequenos rejeitar as versões verdadeiras dos fatos, pois ela nem sempre serão tão emocionantes quanto a versão falsa.

Assim também acontece com os fatos que interpretamos na vida adulta, sobretudo em um contexto de total descrédito nas instituições quanto este no qual vivemos. A mentira, nesse ambiente, muitas vezes acaba, de forma sorrateira, tomando o lugar da verdade e despertando o interesse de pessoas que se identificam com os fatos e opiniões contidos nela. Essa identificação, por sua vez, é suficiente ou para que seja gerado um sentimento de apatia, e

nada seja feito contra aquela situação, ou se aquilo que é narrado realmente correspondesse a um ideal pelo qual valeria a pena lutar, ou seja, as mentiras sinceras começam a importar cada vez mais.

Porém, aqui não buscaremos analisar a mentira, ela sozinha não nos interessa, ao contrário do que afirmava Cazuza. Nós queremos compreender como tais mentiras assumem a aparência de dogma universal a ser defendido pela sociedade. Para isso, recorreremos ao que escreve D'Ancona:

As mentiras, as manipulações e as falsidades políticas enfaticamente não são o mesmo que a pós-verdade. A novidade não é a desonestidade dos políticos, mas a resposta do público a isso. A indignação dá lugar à indiferença e, por fim, à convivência e a mentira é considerada regra, e não a exceção mesmo em democracias (2016, p. 2018).

Mas qual a origem dessa nova reação das pessoas frente à mentira que constantemente lhes é contada? Será que de repente todas as pessoas se envolveram em uma espécie de alienação coletiva e perderam a capacidade de percepção e raciocínio? A resposta de D'Ancona, conforme já apresentamos, está na crise das instituições, que provocou nas pessoas uma espécie de necessidade de fuga da realidade ou de apatia social frente à mentira que não só não choca, mas muitas vezes acaba por ser aceita e defendida por muitos. Mas será que não existe nenhum outro fator que causa esse problema?

Mesmo concordando com D'Ancona, gostaria de acrescentar um ponto importante à ideia por ele apresentada, pois apesar do contexto social ser fundamental para a efetivação da pós-verdade, foi o surgimento dos novos meios de comunicação de massa, como as redes sociais e a ampliação do acesso à internet, por exemplo, que se tornou um mecanismo que ao mesmo tempo que é barato, possui um alcance muito grande, assim, há um maior número de informações e conteúdo que diariamente são produzidos por pessoas comuns, pois cada um em sua casa, tendo apenas um celular, pode construir seu próprio canal informativo.

É inegável, o papel da internet nesse contexto de pós-verdade, sobretudo porque é muito difícil perceber os mecanismos linguísticos de manipulação e persuasão que são a base da produção de ideias nas mídias digitais. Uma coisa é discordar daquilo que William Boner fala no Jornal Nacional, para citar um dos mais importantes telejornais brasileiros, outra coisa, completamente diferente é perceber que o familiar, o professor, o aluno, o amigo de infância que interage no grupo de *WhatsApp* também pode estar faltando com a verdade, ou sendo um veículo de transmissão de notícia falsa, pois embora a informação não seja verdadeira, a fonte que nos transmite é a mais confiável possível, e é aí que mora o perigo.

Claro que não podemos simplesmente atribuir à internet e aos sites de redes sociais, todas as consequências nefastas da pós-verdade, mas sem dúvidas, esse novo jeito de nos comunicar, que tem ganhado força nos últimos dez anos tem contribuído muito para essa nova onda de apatia ou de defesa desenfreada dos argumentos mais indefensáveis que alguém possa vir a produzir.

Esse cenário talvez explique o fato narrado por D'Ancona no prefácio de sua obra, ao afirmar que o que mais lhe surpreendeu após a vitória de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos, não foi o resultado das urnas, que por si só já lhe parecia bastante absurdo, mas foi o fato dos seus filhos adolescentes não terem ficado surpresos com aquele fato político que a ele parecia aterrador. O autor afirma que esse fato demonstra, de forma muito simples, que para os para os adolescentes, que já nasceram imersos em um mundo tecnológico, é muito mais fácil perceber as mudanças e novidades causadas pelas inovações tecnológicas que para as gerações que nasceram antes dessa transformação causada pelos meios digitais. Para eles, há uma naturalidade muito grande em situações que ainda nos são bastante espantosas e, talvez por isso, para as gerações mais novas, a pós-verdade acabe se materializando com mais força que entre os mais antigos, sobretudo àqueles que ainda não estão totalmente imersos em um mundo digital.

Apenas para desenhar melhor essa ideia, recorreremos a um conceito que tem sido amplamente discutido no ambiente educacional, que é o conceito de nativo digital, que vai de encontro à noção de imigrante digital. O nativo digital, de acordo com Marc Prensky, é aquele indivíduo que já nasceu na era digital, para esse indivíduo vai haver uma naturalidade e uma familiaridade muito maior com as tecnologias que para o grupo chamado de imigrante digital, que seriam aqueles que nasceram antes do amplo desenvolvimento das tecnologias que hoje estão por toda parte.

Nesse sentido, estariam os nativos digitais mais propensos a aceitar com naturalidade as consequências e os efeitos da pós-verdade, pois isto faz parte do dia-dia deles muito mais que do dia-dia de um imigrante digital, que ainda não consegue ver com naturalidade as mudanças políticas, culturais e, acima de tudo, comportamentais que se materializam na contemporaneidade.

O que a nossa história tem a nos dizer

Começamos nosso texto com uma epígrafe de Cazuzza, então nada mais justo que nesta última sessão também recorramos a um outro ícone do rock brasileiro para pensar a pós-verdade no atual contexto político nacional. Dessa vez, vamos observar o trecho da música de Renato Russo, *Que país é este?*, escrita em 1978, no auge da Ditadura Militar, mas que foi oficialmente lançada apenas no ano de 1987, no álbum que leva o seu nome. Na música, o autor escreve:

Nas favelas, no Senado
Sujeira pra todo lado
Ninguém respeita a Constituição
Mas todos acreditam no futuro da nação
Que país é esse?
Que país é esse?
Que país é esse?

Vemos que a letra, escrita há mais de quarenta anos, ainda permanece bastante atual, não sendo por acaso que, inúmeras vezes, é utilizada nas escolas em trabalhos das disciplinas da área de ciências humanas como meio de reflexão sociológica. No entanto, o que nos interessa aqui, é o efeito que o sentimento expresso na música provoca nas pessoas, de modo geral. O efeito de que não somos bons o suficiente para merecer o Brasil, ou que, parafraseando uma piada que se popularizou nos últimos tempos, é melhor devolver o país aos índios e pedir desculpas.

Mas, será que existe realmente tanta negatividade em nosso território, será que aqui tudo é realmente tão ruim, ou existe alguma causa para essa crença quase generalizada nas nossas mazelas morais e incapacidade de gerir o país ou as nossas relações privadas do modo ético? Para situarmos nossa discussão, vamos recorrer ao que escreve Jessé Souza no prefácio da sua obra *A elite do atraso: da escravidão a Bolsonaro*, quando afirma que a atual crise brasileira é, antes de tudo, uma crise de ideias. E continua afirmando que essas concepções negativas de Brasil são resultado de velhas ideias que, difundem falsas crenças de que somos um país extremamente corrupto, que temos inúmeros problemas estruturais ou que o que vem de fora é sempre melhor. Para Souza, essas concepções além de serem falsas, resultam de um racismo intelectual que tem se difundido por aqui desde a publicação do clássico *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, obra que foi publicada originalmente em 1936, e que desde então tem sido a grande fonte de inspiração dos intelectuais brasileiros.

Neste sentido, Jessé Souza constrói uma interpretação da sociedade brasileira, não a partir de uma continuidade com a história de Portugal, mas a partir da escravidão e suas consequências para a nossa sociabilidade. E a partir dessa análise da escravidão, ele também

desenvolve a ideia de que a luta das classes foi responsável por construir alianças e preconceitos que até hoje vigoram em nossas interpretações do Brasil.

Assim, na visão de Souza, há um interesse muito grande da elite em manter viva no Brasil a ideia de atraso, corrupção, e incapacidade de gerenciamento dos recursos públicos, pois dessas concepções resultam a pacificidade com que o povo aceita as privatizações, as sonegações de impostos que tanto interessa às grandes corporações, e principalmente, achamos normal que tais coisas aconteçam, sob a justificativa de que todos somos corruptos e, por isso, somos incapazes de condenar moralmente uma atitude moralmente corrupta.

Essa noção é bastante difundida, quando afirmamos que aqui todos são corruptos, pois furamos fila no mercado, utilizamos serviço pirata de televisão a cabo ou mesmo, não paramos na faixa de pedestres quando não estamos sendo fiscalizados por nenhum órgão de trânsito. É a ideia de que se todos roubam, “ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão”, como reza o dito popular. No entanto, o autor de *A elite do atraso* nos alerta do grande risco que essas ideias representam, uma vez que são resultado de um jogo de dominação da elite para efetivar a sua exploração dos nossos recursos naturais e econômicos, e ainda serem moralmente aceitáveis apesar disso.

Acerca desse contexto de exploração e subfaturamento dos processos de privatização, Souza escreve que:

O “imbecil perfeito” é criado quando ele, o cidadão espoliado, passa a apoiar a venda subfaturada desses recursos agentes privados imaginando que assim evita a corrupção estatal. Como se a maior corrupção – no sentido de enganar os outros para auferir vantagens ilícitas – não fosse precisamente permitir que uma meia dúzia de super-ricos ponha no bolso a riqueza de todos, deixando o restante na miséria. Essa foi a história da Vale, que paga royalties ridículos para se apropriar da riqueza que deveria ser de todos, e essa será muito provavelmente a história da Petrobras. Esse é o poder real que rapina trilhões e ninguém percebe a tramóia por que foi criado o espantalho perfeito com a ideia de Estado como único corrupto (2019, p. 14).

Vemos, portanto, a partir da acusação feita por Jessé Souza que esta noção de corrupção institucionalizada é uma ideia que pode ser perfeitamente associada ao contexto da pós-verdade, pois estamos diante de meias verdades que acabam sendo internalizadas pela população com o objetivo de que sejam justificadas as reais mazelas que todos os dias são produzidas pelo jogo político-econômico que é jogado apenas pelos “donos do poder”, enquanto o restante da população permanece apático, sob o argumento que todos são corruptos e por isso moralmente impedidos de estabelecer uma crítica transformadora de fato.

Considerações finais

Sabemos que após verdade não trata de mentira, mas dá reação ou ausência dela as mentiras que normalmente são contadas, sobretudo por aqueles que são considerados os donos do poder. Como dissemos anteriormente, a pós-verdade é um conceito relativamente recente, que sim estabelece em um contexto de totalitarismos, decisões políticas estranhamente mal tomadas, e sobretudo, manipulação midiática construída a partir daquilo que chamamos de *fake news*.

Nosso objetivo aqui, foi compreender como os efeitos daquilo que hoje chamamos de pós-verdade já podiam ser sentidos muito antes deste termo ser cunhado pela primeira vez, pois faz efeitos podem ser sentidos nos jogos de manipulação desenvolvidos pelo poder judiciário, pela mídia, e também, nos ambientes acadêmicos, como é o caso das discussões sociológicas acerca da origem da corrupção no Brasil.

Nesse contexto, é importante perceber que, por trás das grandes mentiras que são tornadas verdades pela crença que atribuímos a elas e que são resultados de um engenhoso trabalho de construção de cidadãos perfeitamente alienados, ou como escreve Jessé Souza, imbecis perfeitos construídos pelas grandes corporações para que continuem a usurpar toda a riqueza produtiva e econômica do país enquanto o povo miserável permanece jogando a culpa no político A ou no político B de todas as mazelas que sofre a cada dia.

Referências bibliográficas

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Alfredo Bosi. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- D'ANCONA, Matthew. *Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news*. Tradução de Carlos Slak. Baurueri: Faro Editorial, 2018.
- SOUZA, Jessé. *A elite do atraso: da escravidão a Bolsonaro*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.
- KELSEN, Hans. *Teoria Geral do Direito e do Estado*. Trad. Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- KELSEN, Hans. *Teoria Pura do Direito*. Trad. João Batista Machado. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- REALE, Miguel. *Filosofia do Direito*. 20ª ed. São Paulo: Saraiva, 2002.